

Fatores protetores contra o consumo de drogas, segundo a percepção de universitários

Cláudio Luiz Neves Júnior¹
Cléria Maria Lôbo Bittar²

Resumo: Estudos desenvolvidos em diversas partes do mundo revelam que a iniciação ao consumo de drogas tem ocorrido cada vez mais precocemente e abusivamente. Atualmente observamos um aumento substancial na utilização de drogas lícitas e ilícitas entre a população jovem brasileira, tendo, as escolas de segundo e terceiro graus como os principais alvos dos traficantes. Esta pesquisa teve como objetivo conhecer quais são, segundo a percepção de universitários, os fatores protetores para evitarem o uso de drogas ilícitas. Ela foi realizada com universitários de ambos os sexos dos últimos períodos dos cursos do Instituto de Ciências da Saúde de um Centro Universitário em uma cidade de Minas Gerais. Buscou também verificar, se há diferença, entre os sexos quanto ao uso destas substâncias e quanto à percepção destes fatores protetores. Aplicamos um questionário contendo 22 questões, fechadas e abertas sobre hábitos e costumes dos alunos quanto ao uso e experimentação de substâncias lícitas e ilícitas. Responderam 128 participantes do sexo feminino (73,99%) e 45 (26,01%) do sexo masculino; (n=173). Dentre os fatores protetores elencados para este grupo, estão: decisão/vontade própria (34,36%), o papel da família (20,98%) e da informação (18,84%). Homens e mulheres apontam que a decisão final de usar ou experimentar drogas está no indivíduo, na família, na informação e no papel que a escola e a educação exercem, como fatores protetores.

Palavras chave: Drogas ilícitas. Fatores protetores. Gênero. Promoção de Saúde. Universitários.

Introdução:

As pesquisas que abordam sobre drogas têm sido muito pertinentes dentro da sociedade em que vivemos. A todo o momento ouvimos notícias de apreensão de drogas, prisões, de seu uso indiscriminado, de clínicas de tratamento e dos problemas de segurança e saúde pública, causados pelo comércio e uso abusivo das drogas no Brasil.

Este estudo buscou analisar sobre o problema da saúde pública, ou melhor, da promoção de saúde e prevenção ao uso abusivo das drogas, principalmen-

¹ Mestre, Professor do Curso de Educação Física no UNIARAXÁ - Centro Universitário do Planalto de Araxá.

² Doutora pela UNESP e pós doutora pela Universidade de Valência – Espanha. Avaliadora MEC/INEP

te em um grupo específico de estudantes universitários.

Nosso propósito foi ouvir estudantes de um Centro Universitário em uma cidade do interior de Minas Gerais, buscando conhecer sobre seus hábitos em relação ao uso de substâncias ilícitas e quais os fatores protetores que atuaram na decisão da não continuidade do uso ou, da não experimentação.

As drogas podem ser classificadas de diversas formas, sendo lícitas aquelas comercializadas de forma legal, podendo ou não estar submetidas a algum tipo de restrição, como por exemplo, o álcool (cuja venda é proibida a menores de 18 anos) e alguns medicamentos, que só podem ser adquiridos por meio de prescrição médica especial e, as ilícitas, que são definidas como aquelas proibidas por lei (NICASTRI, 2010).

O consumo de drogas por si só, não se caracteriza como um ‘problema’, porém o uso abusivo de drogas sejam elas lícitas ou ilícitas, é que se caracteriza como doença, gerando diversos problemas sociais.

Acreditamos ser de grande importância desenvolver pesquisas sobre este tema entre todos os níveis de educação de maneira criteriosa, principalmente no que se refere ao uso frequente de drogas ilícitas, buscando identificar os fatores psicológicos e socioculturais associados a tal uso (SOLDERA, et al., 2004).

O período de transição para a universidade tem sido assinalado como uma etapa de vulnerabilidade acrescida ao uso de drogas lícitas e ilícitas. A oferta de drogas à população universitária é muito grande (PEUKER, FOGAÇA e BI-ZARRO, 2006).

Nem todos os jovens são afetados igualmente por um dado problema. Isto fica evidente quando apresentado em certas crianças e adolescentes que exibem comportamento ímpar, quanto ao uso abusivo de substâncias ou de se externar, expor significativamente de forma violenta. Estes percursos de desordem são descritos como desenvolvimentos psicopatológicos, determinando a concepção chave de vulnerabilidade e resiliência. Vulnerabilidade refere-se a fatores que são produzidos pelos jovens suscetíveis aos riscos. Resiliência são os fatores que promovem a resistência, habilitando os indivíduos a superarem circunstâncias adversas [tradução nossa] (HÜSLER, p. 53, 2006).

A partir do que diz o autor percebemos que o foco principal em promoção da saúde, seria trabalharmos na prevenção, ou seja, nos fatores protetores apontados pela própria população que participou deste estudo, em que foram destacadas questões essenciais para que essa resiliência seja efetiva.

Assim, este estudo buscou entender quais são os fatores que levam universitários a dizerem não a experimentação do uso de drogas, ou a não darem continuidade ao seu uso, além de identificarmos a existência ou não, de fatores protetores diferenciados entre os sexos.

Foi realizada uma abordagem bibliográfica sobre o tema e a relação dos universitários com as drogas, como também, apresentadas algumas definições do

termo “fatores protetores” na promoção da saúde. A metodologia utilizada neste estudo, como os resultados levantados pela pesquisa são apresentados e discutidos detalhadamente. As considerações finais referentes aos objetivos propostos no estudo, não têm a pretensão de esgotar o assunto, mas contribuir, não apenas para um olhar sobre a realidade pesquisada, mas também, buscar conhecimentos para a proposição de ações voltadas para conscientizar e apontar meios que levem à diminuição do consumo de drogas entre os estudantes.

Drogas e os universitários

Desde a antiguidade o homem consome substâncias psicotrópicas, em rituais religiosos ou com finalidades terapêuticas (AMUY, 2005).

A história das drogas no Brasil tem relação direta com o seu descobrimento pelos portugueses em 1500. Nossos colonizadores já faziam uso de substâncias como bebidas alcoólicas, fumo, rapé e, possivelmente, de outras drogas.

O consumo do fumo, de plantas, de chás extraídos de plantas, que poderiam causar alterações psicofisiológicas, foi e ainda é utilizado pelos índios, em diversas situações.

Atualmente observamos um aumento substancial na utilização de drogas lícitas e ilícitas entre a população jovem brasileira, tendo as escolas de segundo e terceiro graus como os principais alvos apontados pelas pessoas envolvidas com a sua venda e distribuição (FIORINI, et al., 2003).

“A relação de um indivíduo com substâncias psicoativas pode ser inofensiva ou apresentar poucos riscos, mas também pode assumir padrões de utilização altamente disfuncionais com prejuízos biológicos, psicológicos e sociais” (DUARTE; MORIHISA, 2010, p. 57).

O período de transição para a universidade tem sido assinalado como uma etapa de vulnerabilidade acrescida ao uso de drogas lícitas e ilícitas. Estudos com estes propósitos no Brasil demonstram que o consumo de álcool entre jovens alcança índices maiores que 60%, podendo alcançar 80%. A oferta de drogas é muito grande à população universitária (PEUKER; FOGAÇA e BIZARRO, 2006).

O consumo de drogas entre estudantes está relacionado a uma vida social mais intensa, talvez porque, fora de casa ou em grupos, o acesso às drogas seja mais fácil, portanto “a avaliação de atitudes e comportamentos ligados ao uso de álcool e outras drogas fornece informações valiosas quanto ao entendimento do comportamento desse grupo de indivíduos” (WAGNER; ANDRADE, 2008, p. 78).

Vários são os fatores associados ao problema do uso abusivo de álcool e outras drogas, que podem ser considerados ou denominados como fatores de risco, tais como a personalidade, o estilo de vida, as amizades, as oportunidades de trabalho, o rendimento escolar, entre outros (ZEMEL, 2010).

O consumo de substâncias psicoativas entre universitários da área da saúde é assunto que deve receber atenção especial, pois no cotidiano desses futuros profissionais, eles serão responsáveis pela identificação e pelo encaminhamento de pacientes com problemas relacionados ao uso de substâncias psicoativas como

também, servirão de exemplo para os mesmos (PORTUGAL, et al., 2008; SIL-VA, et al., 2006).

O problema das drogas não está restrito a uma ou outra classe social, etnia ou qualquer outro tipo de “rótulo social”, o uso abusivo das drogas é um problema de saúde pública em quase todos os países, atingindo famílias ricas ou pobres, não sendo uma contaminação das “classes pobres” ou “classes perigosas” para as “classes ricas ou nobres” da sociedade e vem crescendo, sobretudo, no meio escolar.

As drogas são fatores constantes de preocupação da sociedade Brasileira. Portanto, as pesquisas epidemiológicas sobre o consumo de substâncias psico-ativas são de grande relevância para elaboração de Políticas Públicas de Saúde (GUIMARÃES, et al., 2009).

Fatores Protetores

Pouco se sabe sobre fatores protetores, ou seja, aqueles que possam explicar por que adolescentes que pertencem a grupos de risco em relação ao uso de drogas, não fazem uso delas (SANCHEZ; OLIVEIRA e NAPPO, 2009).

Zemel (2010) define como fatores protetores os que contrabalançam as vulnerabilidades para os comportamentos que levam ao uso ou abuso de drogas. Já o NESA/UERJ (20--?) define como os recursos pessoais ou sociais que atenuam ou neutralizam o impacto do risco.

No combate ao uso indevido de drogas, a prevenção é apontada como um dos conceitos integrantes na promoção de saúde. A visão de prevenção valoriza a adoção da educação não somente como um acúmulo de informações sobre drogas, mas a educação atuando como um processo contínuo de construção da aprendizagem, voltado ao desenvolvimento de habilidades psicossociais que permitam ao indivíduo um crescimento social e afetivo equilibrado (DUARTE, 2010).

Os programas de prevenção e intervenção precoce tem menor custo do que programas efetivos de tratamento. Dessa forma, deve ser enfatizada a necessidade do aprimoramento dos programas de prevenção, enfocando, não apenas as razões que levaram determinados jovens a experimentar drogas, mas também a motivação interna que permitiu que outros se negassem ao uso de substâncias psicotrópicas (SANCHEZ; OLIVEIRA e NAPPO, 2009).

A comunidade tem um papel fundamental na proteção de crianças, adolescentes e jovens contra o envolvimento com drogas e outros comportamentos de risco. As iniciativas recomendadas para aumentar os fatores de proteção devem aproveitar os recursos disponíveis na comunidade, considerando as características socioculturais de seus respectivos contextos e ativando a rede de apoio. Ao mesmo tempo, dadas as peculiaridades locais, todas as iniciativas devem ser norteadas pelo princípio da criatividade e do aproveitamento do potencial inovador, tanto dos jovens quanto das diferentes esferas comunitárias (CONCEIÇÃO; OLIVEIRA, 2010, p. 271).

A família tem papel fundamental na proteção contra o uso abusivo de drogas, o maior fator familiar de proteção em relação ao uso de drogas e outros comportamentos de riscos é a conexão entre os pais e os filhos. A comunidade também pode ser vista como promotora de fatores protetores e a escola se destaca como uma das mais importantes instituições, pois o jovem ao se sentir parte da comunidade escolar, ao se ver valorizado e alcançar sucesso na vida acadêmica, se sentirá mais protegido contra os fatores de risco. Professores, diretores, acadêmicos e comunidade devem trabalhar para terem nas escolas de ensino básico e superior “ambientes saudáveis”, livres de drogas. Também as Instituições Religiosas são apontadas como fatores de proteção contra os comportamentos de risco, principalmente aos jovens que mantêm práticas religiosas (CHIAPETTI; SERBENA, 2007).

Bastos, Bertoni e Hacker (2008), apontam que indivíduos que nos momentos de lazer procuram bares, festas e boates têm 73,3% mais chances de consumir drogas do que os indivíduos que frequentam atividades esportivas, culturais e religiosas, sendo que Silva et al. (2006) também apresentam a religião como fator protetor.

Os fatores protetores podem ser denominados ou descritos como características de proteção de comportamentos ‘saudáveis’ de um indivíduo ou de um determinado grupo social específico, portanto, o estudo prévio de um determinado grupo para se conhecerem quais os seus fatores protetores é de muita importância para a eficiência na elaboração e execução de ações contrárias ao uso abusivo de drogas.

Metodologia

Os dados deste estudo foram obtidos através de uma pesquisa de natureza descritivo-exploratória e de procedimentos que permitiram uma abordagem quantitativa.

A pesquisa descritivo-exploratória tem por objetivo estudar as características de um grupo determinado, sua distribuição por idade, sexo, estado de saúde, visando igualmente descobrir a existência de associações entre variáveis (GIL, 1991; GIL, 1995).

Nossa amostragem foi composta por 173 (n) acadêmicos que cursavam os últimos períodos dos cursos do Instituto de Ciências da Saúde (ICS) de uma instituição de ensino superior em um município do interior de Minas Gerais. Os cursos envolvidos neste estudo foram os de Ciências Biológicas, Educação Física, Enfermagem e Fisioterapia. Esta amostragem perfaz 63,6% da população dos acadêmicos dos períodos finais dos cursos do ICS, sendo 128 do sexo feminino e 45 do sexo masculino.

Este estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEPE, da Universidade de Franca - UNIFRAN, em 26 de junho de 2009, sob o protocolo de nº 0075/009.

Os dados foram obtidos através da aplicação de um questionário que buscou identificar se os universitários haviam tido alguma experiência com drogas

ilícitas e detectar quais haviam dado ou não continuidade ao seu uso. Àqueles que não deram continuidade ao uso foi pedido que identificassem quais os fatores protetores que influenciaram nesta decisão.

O processo de construção de um questionário acontece em várias fases. Antes de chegarmos ao questionário final, fizemos quatro pilotos e submetemos o questionário à análise de 03 julgadores.

O questionário definitivo foi aplicado aos alunos no mês de março de 2010. Para a aplicação destes questionários contamos com a colaboração de diversos professores e da participação do pesquisador responsável que se apresentou, fez a leitura do cabeçalho da pesquisa e do que vinham a ser drogas lícitas e ilícitas.

O questionário respondido deveria ser dobrado e depositado em uma urna de papelão, localizada à frente da sala de aula, não contendo nenhuma identificação dos participantes. Aqueles que não quisessem respondê-lo deveriam proceder de maneira idêntica.

Os dados coletados através do questionário foram analisados quantitativamente de forma descritiva, a partir da média aritmética, desvio padrão, percentual e significância ($p < 0,05$). Utilizamos o teste Mann-Whitney para verificar a relação dos fatores protetores na discussão de gênero e o teste Qui-quadrado para fazer as correlações entre os temas adjacentes e a análise do sexo (VIEIRA, 2003). Um pesquisador pode ter interesse em verificar se as duas populações têm a mesma proporção de indivíduos com determinada característica (VIEIRA, 1980).

Resultados e discussão

A amostra feminina variou com acadêmicas de 19 a 42 anos de idade, sendo que 34 (trinta e quatro) destas participantes tinham 21 anos, a idade média desta amostra é de 23,85, ou seja, aproximadamente 23 anos e 11 meses. Já a amostra masculina variou com acadêmicos entre 19 e 43 anos de idade, sendo que 11 (onze) destes participantes tinham 22 anos, a idade média da amostra masculina é de 23,75, ou seja, aproximadamente 23 anos e 10 meses. (Tabela 1)

A opção de questionarmos alunos dos períodos finais tem relevância, pois são alunos que já passaram por todo um contexto de 'vida acadêmica' e as experiências que esta pode lhes proporcionar. Entendemos como vida acadêmica o período do ingresso ao curso superior até sua conclusão, independente do curso ser de curta ou longa duração. Também não avaliamos se esse era o 1º curso dos participantes. Entendemos que durante esse período o indivíduo opta por formar, ou fazer parte de grupos sociais semelhantes aos quais ele se identifica e quer fazer parte, mesmo que por alguns momentos. Por isso optamos por alunos que estavam nos anos finais dos cursos de formação, por já terem tido a oportunidade de vivenciar todo esse período aqui denominado como vida acadêmica.

Questionamos aos participantes desta pesquisa, sobre terem recebido alguma oferta para experimentarem alguma droga ilícita.

Utilizando o teste Qui-quadrado encontramos que a diferença entre os grupos é extremamente significativa ($p = 0,0001$).

Na amostra feminina menos da metade das participantes (F-57 = 45,67%), afirmaram já terem recebido oferta para experimentar ou usar drogas ilícitas.

Em contrapartida 80% do grupo masculino (M = 36) afirmaram já terem recebido oferta para experimentar ou usar drogas ilícitas (Gráfico 1).

Neste estudo os homens se apresentaram como sendo o grupo mais vulnerável, se comparando com o percentual de mulheres que receberam ofertas de experimentar ou usarem drogas ilícitas.

Questionamos aos participantes desta pesquisa sobre o consumo ou experimentação de drogas ilícitas.

Utilizando o teste Qui-quadrado, podemos afirmar que não há diferença entre o grupo masculino e o feminino sobre o consumo ou experimentação de drogas ilícitas ($p = 0,30$).

Na amostra feminina, 26 (vinte e seis = 20,3%) participantes afirmaram ter experimentado alguma droga ilícita, com idade média de 18,5 anos ($S = +/-2,53$), já na amostra masculina, 13 (treze = 28,8%) participantes afirmaram ter experimentado alguma droga ilícita, com idade média de 18,9 anos ($S = +/- 2,32$). Nas duas amostras um participante de cada sexo não respondeu a esta questão.

A média de idade para a primeira experiência com drogas ilícitas em ambos os grupos foi em torno de 18 (dezoito) anos e seis meses. A idade mínima apresenta uma diferença de um ano apenas. Na amostra feminina a experiência da mais jovem foi aos 13 (treze) anos de idade, na masculina aos 14 (quatorze) anos, porém, para idade máxima não houve diferença, as duas amostras apresentaram a idade de 23 (vinte e três) anos.

Menos de um quarto (22,5%) de nossa amostragem total ($n = 173$) afirmou já ter experimentado algum tipo de droga ilícita.

Ao pesquisarmos sobre quais as drogas ilícitas foram utilizadas por esta população, nos deparamos com uma grande variedade de substâncias, ou seja, existem vários tipos de drogas e formas de utilização, como por via oral (pílulas, fumo, ingestão), injetável e via respiratória. Salientamos que os participantes poderiam marcar mais de uma opção, pois deveriam citar quais as substâncias ilícitas que ele já havia utilizado. (Gráfico 2)

Utilizando o teste Qui-quadrado para grupos independentes, verificamos que não há diferença significativa ($p = 0,27$) entre os grupos e os tipos de drogas ilícitas utilizadas.

Nas duas amostras a maconha e o lança-perfume são as drogas ilícitas mais utilizadas, sendo que o lança-perfume é a droga ilícita mais utilizada na amostra feminina (F = 36,9%) e a segunda mais utilizada na amostra masculina (M = 29,6%). Já a maconha é a primeira colocada na amostra masculina (M = 37,0%) e a segunda colocada na amostra feminina (F = 28,2%). Assim, como visto anteriormente, estas são as drogas ilícitas que são mais ofertadas aos jovens para sua primeira experiência com estas substâncias, talvez por uma razão cultural e de melhor aceitação como drogas 'leves', que não sejam potentes quanto a causarem dependência aos seus usuários.

No grupo de participantes feminino não encontramos usuárias de crack, na amostra masculina esta substância ocupa a quarta posição (M= 7,4%), ficando atrás da maconha, lança – perfume e cocaína (M= 11,1%), sendo que as outras drogas ilícitas: LSD, ecstasy, inalantes (Loló ou Clorofórmio, cola) e outras (B25), todas tiveram o mesmo número de citações (M = 3,7% cada).

Já na amostra feminina o LSD e inalantes ('loló' ou clorofórmio e cola) ocupam a terceira posição (F = 10,8% cada), seguida pelo *ecstasy* (F = 6,5%) e pela cocaína (F = 4,3%), ficando em último lugar outras drogas ilícitas, como o B25 (F = 2,1%).

A maioria dos participantes afirmou que apenas experimentaram e não deram continuidade no uso destas drogas ilícitas (F = 80,7%; M = 76,9%). Em segundo lugar encontramos os participantes que fizeram uso por algum período, mas afirmam que não usam mais (F = 11,5%; M = 15,3%), enquanto que os participantes que afirmaram ainda dar continuidade ao uso representam a menor parte desta amostra compreendendo a mesma proporção nos dois grupos (F = 7,6%; M = 7,6%). De acordo com o teste de Qui-quadrado para grupos independentes, não existe diferença significativa ($p = 0,94$) entre os grupos.

A partir destes resultados buscamos saber de nossos participantes quais os motivos que os levaram a não dar continuidade no uso de drogas ilícitas.

Os participantes tiveram espaço aberto para descreverem seus motivos pessoais ou o que entendiam ter sido o motivador para não darem continuidade ao uso de drogas ilícitas. O participante poderia se expressar livremente, apresentando mais de um motivo em sua justificativa.

A amostra feminina teve 26 (vinte e seis) respostas. Assim como apresentado na literatura um dos principais motivos alegados por estas participantes para fazerem a experimentação, mas não darem continuidade, é que o fizeram apenas por curiosidade, mesmo tendo consciência dos riscos que isso poderia trazer para seu futuro, sendo que a consciência deste risco é o segundo motivo para não darem continuidade. (Quadro 1)

Interessante observarmos que mesmo tendo consciência dos malefícios e dos riscos que correm fazendo uso de drogas ilícitas, as participantes deste estudo demonstraram que preferem correr o risco e 'matar' a curiosidade de saber como é e o que acontece.

Uma participante colocou a *família* como fator protetor para não dar continuidade e outra a religião. No grupo masculino as experiências tidas como ruins ou o arrependimento, são apontadas como os maiores motivos para não darem continuidade ao uso das drogas ilícitas. (Quadro 2)

Questionamos para os que afirmaram nunca terem experimentado nenhuma droga ilícita ou os que não deram continuidade no uso, sobre quais seriam os fatores protetores que eles apontam para não terem dado continuidade ao uso, sendo que o participante poderia marcar quantas opções ele quisesse e ainda deixamos um espaço para que ele apresentasse alguns itens diferentes como fator(es) protetor(es).

De acordo com o teste Mann-Whitney ($p = 0,50$), podemos afirmar que não existe diferença significativa entre os fatores protetores do grupo masculino em relação aos fatores protetores do grupo feminino. (Gráfico 3)

Nos dois grupos a decisão/vontade própria (F = 34,3%; M = 29,5%) foi apontado como o principal fator protetor, ou seja, tanto o grupo feminino como o grupo masculino aponta que o indivíduo tem a principal responsabilidade em decidir se quer ou não experimentar e se quer ou não continuar a usar drogas ilícitas.

Nos dois grupos o que é apontado como fator protetor após a decisão/vontade própria, é a família (F = 20,9%; M = 20,4%), a base familiar, a proximidade e o vínculo de pais e irmãos são elementos que colaboram para se evitar a experimentação ou continuação ao uso de drogas ilícitas.

A *escola/educação* é apontada pelo grupo masculino (M = 19,3%) como terceiro colocado como fator protetor à frente de informação, porém no grupo feminino acontece o inverso a escola/educação é apresentada em quarto lugar (F = 12,1%) atrás de informação que aparece em terceiro lugar.

No grupo feminino (F = 8,5%) a religião aparece como quinto fator protetor para não experimentação ou não continuidade no uso de drogas ilícitas. Pertencer a um grupo que repudia e não faz uso de drogas ilícitas, e acreditar na existência de um Ser Superior, é entendido pelas mulheres, neste estudo, como um fator protetor. No grupo masculino (M = 5,1%) a religião também ocupa o quinto lugar, porém dividindo com os amigos e não se destacando isoladamente como acontece no grupo feminino.

A amizade ou os amigos, não aparecem como grande justificativa para fatores protetores, ocupando o quinto lugar no grupo masculino e o sexto lugar (F = 3,6%) no grupo feminino.

Por último encontramos outros fatores protetores citados por nossos participantes (F = 1,5%; M = 3,6%), como: local de trabalho, a profissão que exerce, prática de esportes, disciplina, dedicação.

Considerações Finais

A partir dos resultados encontrados podemos afirmar que homens e mulheres apontam a decisão/vontade própria como o principal fator protetor para evitarem a 1ª experiência com drogas ilícitas. Porém esse não é o único fator protetor, apontam também a família, o papel da escola e da educação, assim como a *informação*, como elementos essenciais na formação do indivíduo, para que possa ter a oportunidade de decidir sobre ter ou não ter alguma experiência com drogas ilícitas.

Quanto aos fatores protetores, homens e mulheres se diferem apenas quanto ao valor de importância entre *escola/educação* e informação. Para o grupo do sexo masculino escola/educação tem maior relevância quanto a ser um fator protetor e para o grupo feminino, a informação vem antes de escola/educação.

Ainda analisando a percepção por sexo, a maioria dos homens desta amostra que já fez uso de alguma droga ilícita e não deram continuidade ao uso, afirmaram ter tomado esta decisão por terem tido uma experiência ruim e, em segundo lugar, por terem usado apenas por curiosidade. Já no grupo feminino o uso apenas por curiosidade vem em primeiro lugar, seguido pela consciência dos riscos/malefícios das drogas ilícitas.

Ao identificarmos os fatores protetores salientados pelos universitários, devemos fazer uso dos mesmos através de redes de apoio diversas para que possamos minimizar o problema do uso abusivo de drogas nesta população em questão.

Referências

AMUY, L. M. P. **A lei anti-tóxicos (Nº 6.368/76):** os critérios científicos utilizados em sua elaboração e a exclusão do álcool. 2005. 103f. Dissertação (Mestrado em História da Ciência). PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) - São Paulo, SP.

BASTOS, F. I.; BERTONI, N.; HACKER, M. A. Consumo de álcool e drogas: principais achados de pesquisa de âmbito nacional, Brasil 2005. **Revista de Saúde Pública.** n. 42, Supl. 1, p. 109-17, 2008.

CHIAPETTI, N.; SERBENA, C. A. Uso de Álcool, Tabaco e Drogas por Estudantes da Área de Saúde de uma Universidade de Curitiba. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 2, n. 20, p. 303-13, 2007.

CONCEIÇÃO, M. I. G.; OLIVEIRA, M. C. S. de. Texto adaptado do original do Curso de Prevenção do Uso de Drogas para Educadores de Escolas Públicas, realizado pela Senad, em 2006. Unidade 16: Legislações e políticas para a criança e o adolescente e a Política Nacional sobre Drogas. **Prevenção ao uso indevido de drogas:** capacitação para conselheiros e lideranças comunitárias. 2. ed. Brasília: Presidência da República. Secretária Nacional de Políticas sobre drogas - SENAD. 2010. Unidade 16, p. 259-75.

DUARTE, P. V. Texto adaptado do original do Curso Prevenção ao uso indevido de drogas: Capacitação para Conselheiros Municipais, 2008. Unidade 9: Redes Sociais. **Prevenção ao uso indevido de drogas:** capacitação para conselheiros e lideranças comunitárias. 2. ed. Brasília: Presidência da República. Secretária Nacional de Políticas sobre drogas - SENAD. 2010. Unidade 09, p.153-63.

DUARTE, C. E.; MORIHISA, R. S. Texto adaptado do original do Curso **Prevenção ao uso indevido de drogas:** Capacitação para Conselheiros Municipais, 2008. Unidade 2: Experimentação, uso, abuso e dependência de drogas. **Prevenção ao uso indevido de drogas:** capacitação para conselheiros e lideranças comunitárias. 2. ed. Brasília: Presidência da República. Secretária Nacional de Políticas sobre drogas - SENAD. 2010. Unidade 2, p. 37-49.

FIORINI, J E; ALVES, A L; FERREIRA, L R; FIORINI, C M; DURÃES, S W; SANTOS, R L D; NASCIMENTO, L C; GERALDINI, A M V; ORTIZ, C F. Use of licit and illicit drugs at the university of Alfenas. **Revista do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo**, v. 4, n. 58, p. 199-206, 2003.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 3ed. São Paulo: Atlas, 1991.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 4ed. São Paulo: Atlas, 1995. 207p.

GUIMARÃES, J. L., GODINHO, P. H., CRUZ, R., KAPPANN, J. I., TOSTA JÚNIOR, L. A. Consumo de drogas psicoativas por adolescentes escolares de Assis, SP.

São Paulo: **Revista de Saúde Pública**, 2004. v.38 n.01 p.130-132. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v38n1/18462.pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2009.

HÜSLER, G. Social background vulnerability and substance use: an assessment tool. Federal Office of Public Health – FOPH. **Lessons learned: vulnerable young people and prevention**. September 2006. p. 48-54.

NESA/UERJ - Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente/ Universidade Estadual do Rio de Janeiro. **Drogadição**. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Brasília: Ministério da Saúde e Fundação W. K. Kellogg. [20--?]. Disponível no site: <<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/multimedia/adolescente/drogas2.swf>>. Acesso em: 5 abr. 2009.

NICASTRI, S. Texto adaptado do original do Curso de Prevenção do Uso de Drogas para Educadores de Escolas Públicas, realizado pela Senad, em 2006. Unidade 1: Drogas: classificação e efeitos no organismo. **Prevenção ao uso indevido de drogas: capacitação para conselheiros e lideranças comunitárias**. 2. ed. Brasília: Presidência da República. Secretária Nacional de Políticas sobre drogas - SENAD. 2010. Unidade 1, p. 13-35.

PEUKER, A. C.; FOGAÇA, J.; BIZARRO, L. Expectativas e beber problemático entre Universitários. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 2, n. 22, p. 193-200, 2006.

PORTUGAL, F. B.; SOUZA, R. S. de; BUALZ, V.; SIQUEIRA, M. M. de. Uso de drogas por estudantes de Farmácia da Universidade Federal do Espírito Santo. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 2, n. 57, p.127-32, 2008.

SANCHEZ, Z. V. D. M.; OLIVEIRA, L. G. de; NAPPO, S. A. Razões para o não-uso de drogas ilícitas entre jovens em situação de risco. São Paulo: Departamento de Psicobiologia. Universidade Federal de São Paulo. **Revista de Saúde Pública**. Disponível em: <www.fsp.usp.br/rsp>, p. 599-605, 2005. Acesso em: 05 abr. 2009.

SILVA, L. V. E. R.; MALBERGIER, A.; STEMPLIUK, V. de A.; ANDRADE, A. G. de. Fatores associados ao consumo de álcool e drogas entre estudantes universitários. São Paulo: **Revista de Saúde Pública**, v. 2, n. 40, p. 280-88, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v40n2/28533.pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2009.

SOLDERA, M.; DALGALARRONDO, P.; CORRÊA FILHO, H. R.; SILVA, C. A. M. Uso de drogas psicotrópicas por estudantes: prevalência e fatores sociais associados. **Revista de Saúde Pública**, v. 2, n. 38, p. 277-83, 2004.

VIEIRA, S. **Bioestatística: tópicos avançados**. Elsevier: Rio de Janeiro, 2003. 216p.

_____. **Introdução à bioestatística**. 3ed. Campus: Rio de Janeiro, 1980. 196p.

WAGNER, G. A.; ANDRADE, A. G. de. Uso de álcool, tabaco e outras drogas entre estudantes universitários brasileiros. **Revista de Psiquiatria Clínica**, n. 35, p. 48-54, 2008. Suplemento 1.

ZEMEL, M. de L. S. Texto adaptado do original do Curso **Prevenção ao uso indevido de drogas: Capacitação para Conselheiros Municipais**, 2008. Unidade 6: Prevenção - novas formas de pensar e enfrentar o problema. **Prevenção ao uso indevido de drogas: capacitação para conselheiros e lideranças comunitárias**. 2. ed. Brasília: Presidência da República. Secretária Nacional de Políticas sobre drogas - SENAD. 2010. Unidade 06, p. 103-19.

Tabelas

Tabela 1 – Idade e Sexo (Araxá, 2010)

Idade/Gênero (Sexo)	Idade Mínima	Idade Máxima	Média	Desvio Padrão
Feminino	19	42	23,85	5,05
Masculino	19	43	23,75	4,7

Gráficos

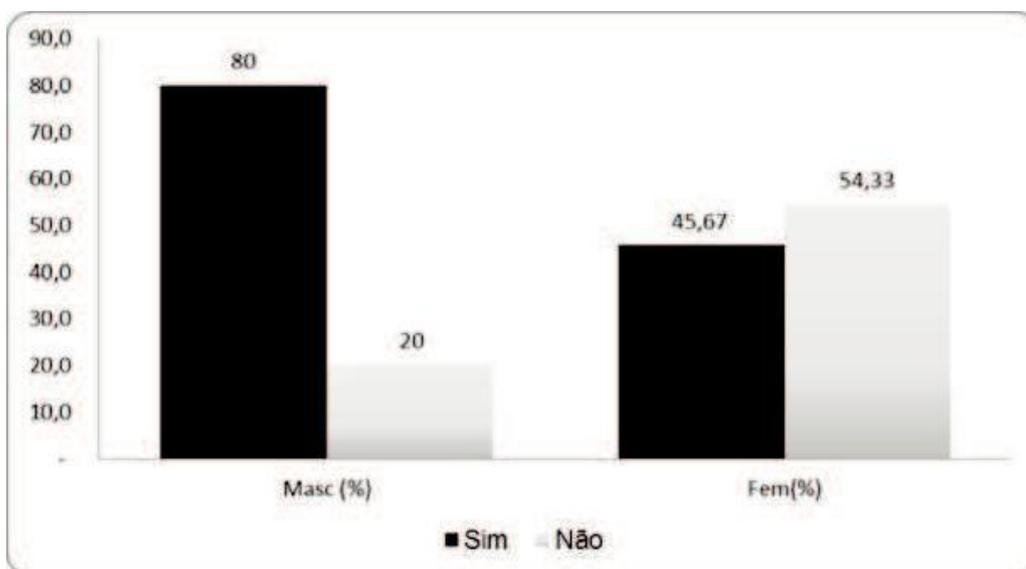


Gráfico 1 – Oferta aos participantes para experimentação de drogas ilícitas (Araxá-MG, 2010).

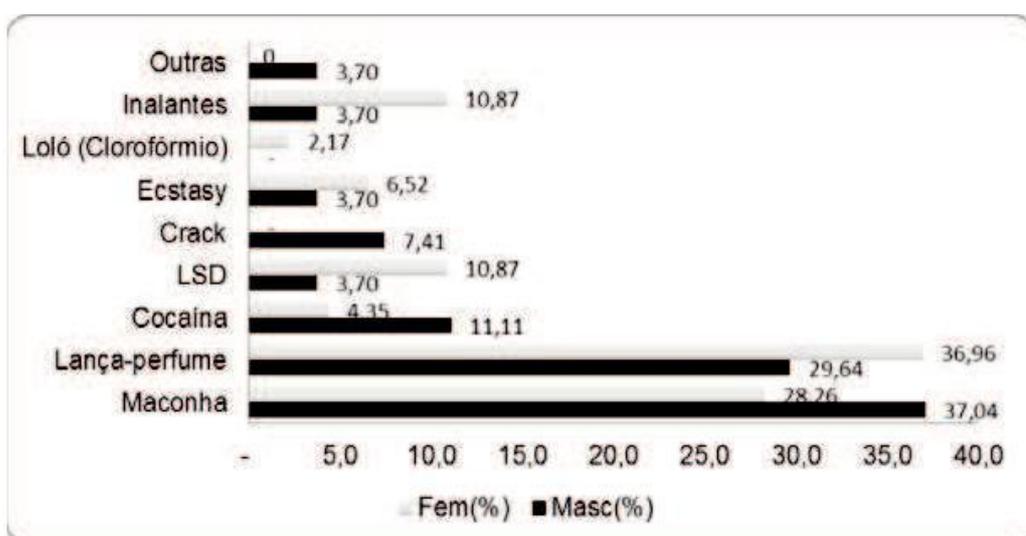


Gráfico 2 – Tipos de Drogas Ilícitas experimentadas pelos participantes da pesquisa (Araxá-MG, 2010).

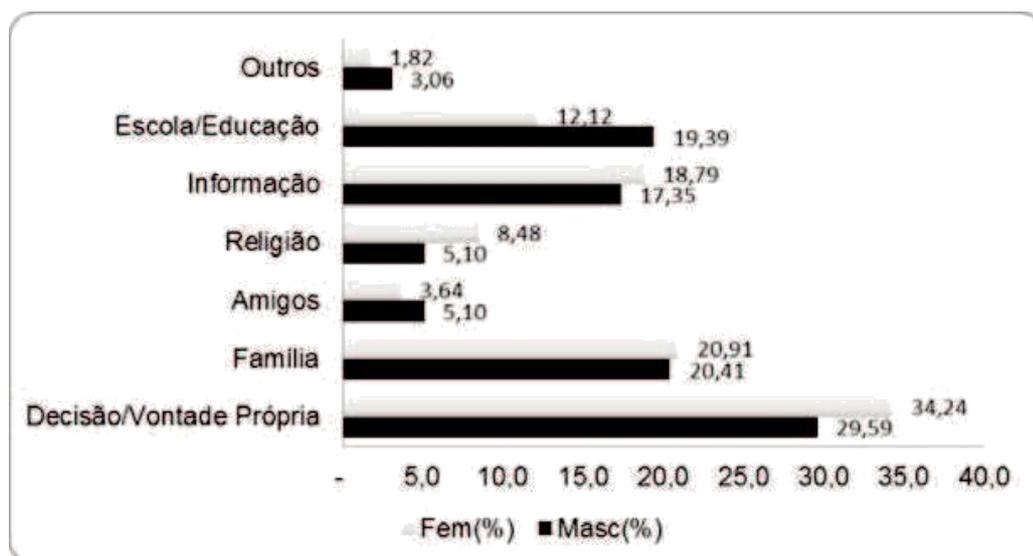


Gráfico 3 – Fatores Protetores X Drogas Ilícitas (Araxá-MG, 2010).

Quadro 1- Motivos para não dar continuidade ao uso de Drogas Ilícitas – Feminino.

Categorias/ Apresentação	Descrição	Frequência	(%)
Curiosidade	<i>“Foi só pra experimentar.”</i> (Participante 1) <i>“Era só curiosidade”</i> (Participante 4) <i>“Curiosidade apenas”</i> (Participante 5)	09	34,61%
Personalidade forte/ Opção	<i>“Porque tenho personalidade e vi que não seria certo acompanhar os outros”</i> (Participante 6) <i>“Porque eu percebi que não queria uma vida de vício e dependência”</i> (Participante 9)	03	11,54%
Diversão/ Aventura	<i>“Foi apenas uma aventura”</i> (Participante 11)	02	7,69%
Acreditar em Deus/Religião	<i>“Porque não preciso disto para sobreviver, o Espírito Santo de Deus me preencheu completamente”</i> (Participante 12)	01	3,85%
Consciência dos riscos	<i>“Porque não gostei e sabia do risco depois”</i> (Participante 2) <i>“Não gostei, e tenho noção dos malefícios”</i> (Participante 10)	06	23,08%

Experiência ruim/ arrependimento	<i>“Não deu muito certo e passei mal”</i> (Participante 3) <i>“Porque não senti vontade de repetir o uso, me arrependi”</i> (Participante 7)	04	15,38%
Preocupação com a família	<i>“Porque não achei interessante, sempre pensei bem antes de gostar de alguma coisa, minha família é muito importante p/ mim e não iriam gostar de me verem drogada”.</i> (Participante 8)	01	3,85%
Total		26	100%

Quadro 2 - Motivos para não dar continuidade ao uso de Drogas Ilícitas – Masculino.

Categorias/ Apresentação	Descrição	Frequência	(%)
Curiosidade	<i>“Apenas Curiosidade”</i> (Participante 19) <i>“Apenas tive curiosidade, sempre tive informações de seus malefícios”</i> (Participante 21)	03	25%
Personalidade forte/ Opção	<i>“Não tive vontade”.</i> (Participante 13) <i>“Optei por não reutilizar”</i> (Participante 16)	02	16,67%
Consciência dos riscos	<i>“Porque vi que não vale a pena”</i> (Participante 18) <i>“Pelo fato de possuir informação a respeito dos prejuízos”</i> (Participante 20)	02	16,67%
Experiência ruim/ arrependimento	<i>“Não deu muito certo e passei mal”</i> (Participante 14) <i>“Não achei nem um exatidão sobre a experimenta”</i> (Participante 15) <i>“Porque não senti vontade de repetir o uso, me arrependi”</i> (Participante 17)	05	41,66%
Total		12	100%

Abstract: Developed studies around the world show that the use of many kinds of drugs have occurred earlier and abusive. Actually, we can observe the substantial raise of the use of some legal and illegal drugs in the youth population of Brazil, having Elementary and High Schools as the main target of traffic dealers. This research has the aim to know what are, according to university students, the protective factors to avoid the use of illegal drugs. The research was realized with university students from both sexes in the last periods of the courses from the Science and Health Institute of a University Campus from a city in Minas Gerais. This study was made with the purpose to verify if there is any difference about the use of these substances and about the perception of these protector factors between the sexes. We submitted these students to a questionnaire with 22 questions, multiple-choice

and open ones, about the habits and customs of the students about the use and experimentation of legal and illegal substances. It included 128 female students (73.99%) and 45 male students (26.01%); (n=173). In the female group, 34.61% admitted had used those substances only for curiosity, some of them did not continue using them because they were aware of the dangers related to its use. This group used some protectors factors as self-wish (34.36%), family role (20.98%) and information (18.84%). In the male group, 41.66% said that the experience was bad and that they regretted to had experimented them. To 25% of this group, the only reason to had tried them, was also for curiosity. To male participants the protectors factors were decision/shelf-wish (29.59%), family (20.41%) and school /education (19.39%). Both men and women said that the final decision to use and experiment drugs is in each person, at the family, in the information and at the role that school and education have, as protective factors.

Keywords: Gender. Health Promotion. Illegal Drugs. Protective factors. University students.

1 - Cláudio Luiz Neves Júnior: lattes.cnpq.br/3318302365515234

2 - Cléria Maria Lôbo Bittar: <http://lattes.cnpq.br/9930709460846535>